

Agosto, 2020
BPC Policy Brief - V. 9 N. 6

BPC Policy Brief

BRICS Monitor

Precarização do Trabalho, o vírus da COVID 19 e o papel das Organizações Sociais

Silvia Marina Pinheiro



BRICS Policy Center Centro de Estudos e Pesquisas - BRICS



Sobre o BRICS Policy Center

O BRICS Policy Center é dedicado ao estudo dos países BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) e demais potências médias, e é administrado pelo Instituto de Relações Internacionais da PUC-Rio (IRI), em colaboração com o Instituto Pereira Passos (IPP).

Todos os papers têm sua publicação condicionada a pareceres externos. As opiniões aqui expressas são de inteira responsabilidade do(a)s autor (a) (es) (as), não refletindo, necessariamente, a posição das instituições envolvidas.

BRICS Policy Center

Rua Dona Mariana, 63 - Botafogo - Rio de Janeiro/RJ
Telefone: +55 21 2535-0447 / CEP: 22280-020
www.bricspolicycenter.org / bpc@bricspolicycenter.org

Equipe BPC

Diretora do IRI
Marta Fernández

Diretor do BRICS Policy Center
Paulo Esteves

Conselho Acadêmico
Paulo Esteves
Maria Elena Rodriguez
Luis Manuel Fernandes

Coordenadora Administrativa
Lia Frota e Lopes

Assistente Administrativa
Luana Freitas

Gerente de Projetos Internacionais
Thalyta Ferraz

Layout e Design
Vinicius Kede



BRICS Policy Center Centro de Estudos e Pesquisas - BRICS



Instituto
de Relações
Internacionais



Centro de Pesquisa em Escravidão Contemporânea

O Centro nasce em um contexto mundial de 40 milhões de vítimas de trabalho escravo e de políticas de combate a prática que se mostram, em sua maior parte, incapazes de dar resposta aos variados cenários, e particularidades onde tais relações de exploração do trabalho acontecem. Sediado na cidade do Rio de Janeiro, o Centro conta com parceiros locais para investigar caminhos alternativos de combate à escravidão contemporânea, construção de agenda e metas para sua erradicação via aprimoramento das políticas públicas atuais.

Pesquisadoras
Silvia Marina Pinheiro
Heloisa Gama

BPC Policy Brief V.9 N.6

Agosto/Setembro 2020.

Rio de Janeiro. PUC. BRICS Policy Center

ISSN: 2318-1818

11p ; 29,7 cm

1. Escravidão Contemporânea 2. COVID 19
3. Mercado de Trabalho





Índice

1. Introdução	5
2. Agravamento da Vulnerabilidade dos Jovens e Mulheres pós COVID 19 ...	6
3. A realidade da Pandemia e as Organizações Sociais	7
4. Auxílio Emergencial do Estado	8
5. Comentários Finais	8

Sumário Executivo

O advento da era pós-industrial em meados do século XX e da economia informacional no século XXI , transformou as relações de trabalho resultando na precarização da mão de obra e acentuando a desigualdade. A pandemia provocada pelo vírus COVID 19 torna esse cenário mais claro, especialmente no sul global. Este monitor tem por objetivo trazer resultados preliminares dos programas de ajuda emergencial no Brasil, aspectos do impacto da pandemia no mercado de trabalho mundial e finalmente, chamar atenção para o papel das organizações sociais em áreas periféricas, destacando iniciativas de combate e a necessidade de políticas públicas de retomada da economia que privilegiem as demandas dos mais atingidos.

Palavras-chave

1. Escravidão Contemporânea 2. COVID 19 3. Mercado de Trabalho

Precarização do Trabalho, o vírus da COVID 19 e o papel das Organizações Sociais

1. Introdução

O capitalismo pós-industrial vem afetando em larga medida as condições de trabalho em todo mundo e a precarização da mão de obra passa a ser “senso comum”. O fenômeno da “desproletarização”¹ com abandono do Estado, resulta no aumento da mão de obra informal e de atividades criminosas, dentre outros efeitos perversos como a escravização da mão de obra. Investigar e combater o trabalho escravo contemporâneo passa, portanto, pelo entendimento dos fatores que levam a reprodução da pobreza e aprofundamento da desigualdade, determinantes socioeconômicos da vulnerabilidade das pessoas ao trabalho escravo contemporâneo². O trabalho escravo contemporâneo é caracterizado na lei brasileira como aquele realizado em condições degradantes, jornada exaustiva e por meio de servidão por dívida. Atividades desenvolvidas em condições análogas à escravidão são violações aos Direitos Humanos, segundo o entendimento dos tribunais superiores no Brasil. A desocupação da mão de obra decorrente da transição do sistema fordista de produção para a produção flexível, provocou disrupções no mercado de trabalho com aumento da pobreza e desigualdade, transformando grandes contingentes de seres humanos em reservas de mão de obra escrava no campo e nas cidades.

A priorização da acumulação do capital em relação ao trabalho, de intervenções estatais com foco na desregulação e o enfraquecimento dos programas de bem-estar social, resulta em níveis de concentração de renda dos mais elevados nos últimos séculos. Ressalta o historiador holandês Rutger Bregman, reproduzindo economistas, que os 400 mais ricos nos Estados Unidos pagam, individualmente, menos impostos do que bombeiros, faxineiros, enfermeiros ou até

(1) WACQUANT, Loic. *Urban Outcasts. A comparative sociology of advance marginality*. Ed. Polity. 2010

(2) CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em Rede*. Editora Paz e Terra. 1996. O conceito de Capitalismo informacional foi proposto na obra “Sociedade em Rede” e elege a tecnologia da informação como o paradigma das mudanças sociais que reestruturaram o modo de produção capitalista, a partir de 1980. Trata-se de uma teoria que observa a sociedade da virada do século XX para o século XXI, e assinala uma nova realidade de práticas sociais geradas pelas transformações decorrentes da “revolução tecnológica concentrada nas tecnologias de informação”.

mesmo aposentados³. Segundo dados de recente relatório da Oxfam⁴, o grupo de pessoas que corresponde ao 1% mais rico da população detém mais do que o dobro da riqueza da população mundial e os 22 homens mais ricos do planeta detém riqueza equivalente a todas as mulheres que habitam no continente africano.

Considerar a existência de diferentes grupos afetados em uma análise multidimensional sobre desigualdade é prioritário na construção de políticas públicas e estratégias da iniciativa privada de combate ao trabalho escravo. Grupos sociais, tais como mulheres, crianças, afrodescendentes, jovens das periferias e de classe média, dentre outros, ocupam diferentes posições nas estruturas de dominação e sentem as consequências da subordinação em graus e formas diferenciadas⁵. Investigar, por meio de análises qualitativas, o impacto da COVID 19 sobre a vulnerabilidade feminina, considerando aspectos como classe, etnia, idade, território, cidade, país e região, é fundamental para o desenho de políticas públicas eficazes que tenham como foco aumentar a resiliência das mulheres às formas de escravidão, como a servidão doméstica, por exemplo.

Agravamento da vulnerabilidade de jovens e mulheres pós COVID-19

A aposta na convivência entre programas assistencialistas por um lado e deficiências no provimento de infraestrutura nas áreas da saúde e educação por outro, constitui um paradoxo. Em tempos de pandemia, as consequências dessa contradição ficaram expostas. Segundo o último relatório da Organização Internacional do Trabalho (OIT), os jovens entre 15 e 24 anos foram gravemente atingidos pelas consequências do lockdown nas Américas do sul e central⁶. Grande parte deste contingente de jovens volta-se ao trabalho em aplicativos como meio de sobrevivência, quase nunca como uma opção empreendedora. A chamada “uberização” é nas palavras do sociólogo do trabalho Ricardo Reis⁷, “o mascaramento de relações assalariadas, que assumem a aparência do trabalho do empreendedor, do trabalho do prestador de serviços (...)”. Acrescenta Reis, que tais “trabalhos desprovidos de direitos” são um caminho para a servidão que “ainda vai se tornar um privilégio”.

(3) BREGMAN, Rutger. The Neoliberal era is ending what comes next. <https://thecorrespondent.com/466/the-neoliberal-era-is-ending-what-comes-next/61655148676-a00ee89a> último acesso em 5 de agosto 2020.

Na entrevista o historiador Rutger Bregman destaca análises do chamado “trio francês de economistas”, Thomas Piketty, Emmanuel Saez, Gabriel Zucman que concordam quanto a taxa sobre fortunas ser instrumento eficaz de distribuição de renda. Chama atenção, ainda o historiador, para os recentes estudos da economista Mariana Mazucatto, integrante de grupo de economistas mulheres, que destaca que os instrumentos voltados à distribuição da renda via taxa sobre grandes fortunas, devem ser acompanhados de mecanismos de aumento da renda das camadas mais pobres.

(4) <https://www.oxfam.org.br/justica-social-e-economica/forum-economico-de-davos/tempo-de-cuidar/> Último acesso em 5 de agosto de 2020.

(5) COLLINS, Patricia H. “The Difference That Power Makes: Intersectionality and Participatory Democracy”, Revista de Investigações Feministas 8 (1), 19-39. 2017.

(6) ILO MONITOR: Covid 19 and the World of Work, 5th Edition. 30 June 2020.

https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/@dgreports/@dcomm/documents/briefingnote/wcms_749399.pdf Último acesso em 5 de agosto de 2020.

(7) <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/591102-uberizacao-nos-leva-para-a-servidao-diz-pesquisador> último acesso em 5 de agosto de 2020.

Chama atenção o Monitor da OIT de junho de 2020, que a pandemia atinge desproporcionalmente as mulheres. O pequeno progresso em termos de igualdade de oportunidades de trabalho e de salários alcançados pelas mulheres nas últimas décadas, corre risco de retrocesso. Além disso, em países de baixa e média renda, aonde 90% da mão de obra empregada está na economia informal, são as mulheres as mais atingidas. Segundo os estudos da OIT, os setores em que a força de trabalho feminina é preponderante estão sendo fortemente impactados pelo vírus, como arte, cultura e entretenimento, alimentação, hospedagem, cuidado e trabalhos domésticos.”⁸

Segundo o citado relatório da Oxfam de 2020, 12,5 bilhões de horas são dedicadas por meninas e mulheres no mundo, diariamente, ao “cuidado” e de forma não remunerada. Estima ainda o relatório, baseado em metodologia específica, que a soma de tais horas corresponde a uma contribuição que pode alcançar US\$ 10,8 trilhões por ano à economia global, número três vezes maior do que o valor da indústria da tecnologia no mundo. Dados da PNAD contínua de 2018, incluídos no mesmo relatório, destacam que 37% de mulheres e 26% de homens brasileiros declararam ter exercido o trabalho “de cuidar” no Brasil. Mulheres, meninas e homens cuidadores, prestadores de serviço essencial, atravessam jornadas exaustivas com baixa remuneração, correspondendo ainda a percentual significativo de vítimas da pandemia.

As mulheres representam mais de 70% da mão de obra nas áreas da saúde e assistência social. Apesar da melhora, ainda persiste um gap entre os salários pagos às forças de trabalho, feminina e masculina, que chega em 29% em países de renda média - alta, como é o caso do Brasil. Também em outros setores, como no do vestuário, aonde a força de trabalho feminina é expressiva, a queda no consumo e as interrupções de fornecimento impactaram, severamente, mães e mulheres chefes de família mandadas para casa sem salários. A vulnerabilidade da força de trabalho feminina é aprofundada com sérios riscos de aumento no trabalho escravo das crianças forçadas a trabalhar com suas mães.

A realidade da Pandemia na Periferia e as Organizações sociais

Parafraseando a necessidade de uso de máscaras, o rapper MVBill em sua composição “Quarentena”, diz: “a sua máscara caiu”⁹! O cenário está posto para quem quiser enxergar e ele é o de uma tragédia. Milhares de organizações sociais das periferias estão unidas em rede e se fazem ouvir¹⁰. Depoimentos por músicas, artigos e vídeos de moradores de favelas, os “favelados” e das periferias, os “perifas”, sobre a realidade em suas áreas e iniciativas de enfrentamento da pandemia estão disponíveis na internet¹¹.

(8) https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/@dgreports/@dcomm/documents/briefingnote/wcms_749399.pdf

(9) <https://www.youtube.com/watch?v=NQiykuwYLSk>.

(10) <https://www.institutomariellefranco.org/mapacoronanasperiferias>

(11) <https://wikifavelas.com.br/> Último acesso 5 de agosto 2020.

O Mapa Corona nas Periferias¹² iniciativa do Instituto Marielle Franco em conjunto com o Favela em Pauta,¹³ permite que ações de combate ao vírus sejam cadastradas e compartilhadas em tempo real. As iniciativas são de grupos ou coletivos formalizados ou não. Já o Dicionário de Favelas Marielle Franco, publicado na internet antes do início da pandemia, já conta com 2.556 páginas e 597 verbetes. Os verbetes são “manifestações autorais sobre favelas e periferias” realizadas por moradores, pesquisadores, estudantes, jornalistas, empreendedores e líderes comunitários¹⁴. Os relatos são basicamente sobre tecnologias sociais inovadoras desenvolvidas nas favelas para comunicar, informar, distribuir alimentos, produtos de higiene e obter doações. A seção de “Análises e Propostas sobre a Realidade do Corona Vírus nas Favelas” contém contribuições e críticas sobre políticas públicas e sugestões de aprimoramento.

Elinor Ostrom¹⁵ em seu artigo clássico sobre ação coletiva e evolução de normas sociais, lembra a existência de tipos variados de indivíduos no mundo. Uns concordam em abrir mão de benefícios em prol do bem comum, outros não. Ciente dessa multiplicidade de vontades, o cerne da questão para a autora é atrair os que acreditam na cooperação e desenhar instituições que encorajem a prática de cooperar, ao invés de destruí-la. Esses são, de fato, importantes desafios que a pandemia, no contexto da economia informacional, pode desvendar em uma cooperação internacional.

A revolução da informação, iniciada na década de 70 com a invenção do computador e em 90 com a internet, atrai no século XXI, indivíduos e grupos que fazem uso da tecnologia na busca de soluções de problemas sociais ao redor do mundo. Replicar e disseminar inovações sociais, especialmente as criadas localmente e fortalecer redes de solidariedade, são desafios para os elaboradores de políticas públicas e pessoas, que deve ser enfrentado com o protagonismo dos mais afetados.

Auxílio Emergencial do Estado

Do ponto de vista das iniciativas governamentais, as primeiras análises sobre o impacto dos programas emergenciais expõem ao público o estado de desproteção social de milhões de brasileiros/os nas periferias. Uma interpretação superficial dos dados sobre o impacto do auxílio emergencial concedido aos formais e informais no Brasil¹⁶ aponta para desemprego e precarização.

O auxílio emergencial do Estado para conter os efeitos da desocupação da mão de obra teve 108,4 milhões de pessoas cadastradas, número maior do que toda a força de trabalho brasileira no primeiro trimestre de 2020, de 105,1 milhões de pessoas. O aumento na taxa de desocu-

(12) <https://www.institutomariellefranco.org/mapacoronanasperiferias> Último acesso 5 de agosto 2020.

(13) <https://favelaempauta.com/> Último acesso 5 de agosto 2020.

(14) https://wikifavelas.com.br/index.php?title=Defini%C3%A7%C3%A3o_e_tipos_de_verbetes

(15) OSTRUM, Elinor. Collective Action and Evolution of Social Norms. Journal of Economic Perspectives—Volume 14, Number 3—Summer 2000—Pages 137–158.

(16) BRASIL (2020c). Pagamento da terceira parcela do auxílio emergencial começa no sábado. <https://www.gov.br/pt-br/noticias/assistencia-social/2020/06/pagamento-da-terceira-parcela-do-auxilio-emergencial-comeca-no-sabado>.

Último acesso 5 de agosto 2020.

pação, de 12% nos últimos seis meses, resultou em mais 12,4 milhões de pessoas afastadas do trabalho piorando ainda mais o quadro.¹⁷

De acordo com o IBGE, desse público, 64,1 milhões foram beneficiados, com 42,2 milhões de pessoas inelegíveis e 2,1 milhões sob análise ou reanálise. As primeiras interpretações dos dados sobre o impacto das medidas destacam que trabalhadores informais são os menos beneficiados pelos programas, em especial os que não se encontram no cadastro único de beneficiários do Bolsa Família. Sabe-se que esse é um contingente de pessoas que funciona como reserva de mão de obra barata disponível à exploração e a escravização.

A despeito do esforço mundial na construção de políticas públicas emergenciais para mitigar, ao menos em parte, os efeitos do Corona vírus, o impacto no mercado de trabalho vem demandando o desenho de políticas públicas de longo prazo voltadas à sustentação da renda e recuperação do emprego em condições dignas.

Comentários Finais

Um dos efeitos da pandemia foi tornar visível a todos o déficit do mundo do trabalho com os mais pobres e a enorme desigualdade que marca o planeta. A cooperação internacional deve se fazer mais presente para conter impactos de curto prazo, bem como prevenir novos ciclos da doença ou questões de impacto planetário que demandam rapidez nas respostas. Bancos de dados sobre efeitos da pandemia, análises qualitativas e quantitativas são urgentes. Mulheres, jovens e trabalhadores informais, principalmente, nos países menos desenvolvidos foram atingidos pelo agravamento do desemprego e redução de salários. A importância da intervenção estatal para o reequilíbrio da economia é uma unanimidade, que alcança inclusive grupos conservadores¹⁸.

A desvalorização dos serviços de “cuidado”, que incluem os agentes de saúde, cuidadores e domésticas, vem à tona nas sociedades. A recuperação da economia vai depender em larga medida de ações de valorização de serviços essenciais, normalmente, exercidos por mulheres por baixa ou nenhuma remuneração.

A melhoria da qualidade de vida das populações está ligada ao grau de maturidade das organizações sociais e oportunidades de contribuírem com a construção de políticas públicas. A cooperação entre indivíduos para a solução de problemas retorna em crises, principalmente, quando os Estados se fazem ausentes ou incapazes de contribuir com a solução no curto prazo. Chama atenção, no Brasil, a atual mobilização social na internet, que liga periferia e subúrbio aos demais bairros da cidade por meio das Lives, Webinars e Canais no Youtube, em torno do combate da fome e do desemprego como efeitos do Covid 19.

(17) ARAUJO, Juliana e SILVA, Rebeca. O Universo dos invisíveis a COVID 19 e o mercado do trabalho. <https://www.observatoriodasmegacidades.net.br/o-universo-dos-invisiveis-a-covid-19-e-o-mercado-de-trabalho/> Último acesso 5 de agosto de 2020

(18) FINANCIAL TIMES. “Virus Lays Bare the Frailty of the Social Contract.” <https://www.ft.com/content/7eff769a-74dd-11ea-95fe-fcd274e920ca>

A pandemia expõe e agrava a precarização da força de trabalho na era pós-industrial aumentando o estigma sobre os que vivem nas periferias e a violência urbana por consequência. Somado a tal, o desmantelamento das inspeções de trabalho escravo e flexibilização das regras trabalhistas no Brasil, fortalecem o papel das organizações sociais como agentes de informação, comunicação. Os meios atuais de combate aos efeitos da pandemia devem ser transformados em instrumentos perenes de promoção da justiça social e de erradicação de formas de exploração análogas à escravidão.

Sobre a autora

Silvia Marina Pinheiro é professora do MAPI aonde leciona os cursos, cadeias da sociobiodiversidade na amazônia e implementação de regras de erradicação da escravidão contemporânea em cadeias de produção, trabalha com organização social em cooperativas e negócios comunitários em áreas urbanas e rurais e possui parcerias com universidades internacionais em pesquisas dedicadas a direitos humanos e meio ambiente. Silvia possui mestrado em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e doutorado em Direito Internacional pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro.



BRICS Policy Center Centro de Estudos e Pesquisas - BRICS

Rua Dona Mariana, 63 - Botafogo - Rio de Janeiro / RJ - Brasil

Telefone: (+55 21) 2535-0447 / CEP: 22280-020

www.bricspolicycenter.org / bpc@bricspolicycenter.org

